

O



DEGRAU



PROPRIEDADE E EDIÇÃO DA CORPORAÇÃO DOS BOMBEIROS VOLUNTÁRIOS DE FIGUEIRÓ DOS VINHOS — COMP. E IMP: OFICINAS GRÁFICAS DA MINERVA CENTRAL—FIGUEIRÓ DOS VINHOS

Um esclarecimento muito sincero | A QUEM A NOSSA ASSOCIAÇÃO JÁ MUITO DEVE

Ao aparecer às mãos dos meus leitores, cumpre-me fazer a minha apresentação. Eu sou «O Degrau», o modesto jornal dos Bombeiros Voluntários de Figueiró dos Vinhos. Foi aí que nasci no dia 1 de Janeiro 1969, e espero ter continuidade caso os meus leitores assim o entendam. Penso sair no primeiro dia de cada ano, mas, se houver o tal interesse, tão necessário nestas coisas, ou-

A MINHA PRESENÇA

Como Presidente da Direcção da Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Figueiró dos Vinhos, fui solicitado para escrever algumas palavras neste número de «O DEGRAU». O dever do cargo e a simpatia e altruista finalidade que esta publicação pretende alcançar, leva-me a fazê-lo gostosamente.

Direi então que a vida desta Associação tem sido produto de grandes dedicações e de tenazes e puros sacrifícios, e que sem estes louváveis sentimentos não teria sido possível atingir o nível de eficiência que hoje possui, nem se poderiam assinalar os prestimosos serviços prestados ao Concelho e a toda esta região.

Encontro-me na firme disposição de trilhar o caminho daqueles que me antecederam no engrandecimento da Associação. Mas como a tarefa é grande e penosa, não a poderia levar a cabo sem a colaboração de todos os figueiroenses e amigos desta Terra que, aliás a não tem negado, e pelo contrário, em várias circunstâncias e momentos, a ofereceram generosa e compreensivamente.

Aproveito, por isso, a oportunidade para dirigir o meu apêlo no sentido de, com o seu espírito de bairrismo com a sua bondade e compreensão, continuarem a colaborar nesta obra Humanitária e meritória que a todos pertence e sobremaneira interessa.

Finalmente exorto o Corpo Activo, que tantas provas de abnegação tem dado no cumprimento desinteressado dos seus deveres, a prosseguir, como até agora, no desempenho da sua nobre missão. Só o trabalho, sacrifício e disciplina, voluntariamente assumidos pelos seus elementos, pode basicamente concorrer para a vivência da Instituição.

Se estas simples palavras forem correspondidas—estou certo que sim—a minha actuação estará grandemente facilitada e a continuidade e progresso da Associação será uma consoladora realidade.

JOSÉ GUERREIRO MACHADO

tras tiragens se irão processando. Sei que há degraus bastante deteriorados e outros há que são de resistência extraordinária, mas eu não desejava ser muito fraco nem muito forte e, se alguma grande ascensão pudesse ter na minha vida, desejava que fosse realizada de degrau a degrau. Subir dois ou mais degraus de uma só vez poderia sair queda desastrosa! A minha resistência depende da atenção que me dispensarem, por isso confio em vós, estimados leitores. Sou, por enquanto, o mais novo elemento dos nossos Bombeiros mas espero corresponder às exigências da casa. A minha publicação destina-se a levar, mais longe, o nome da nossa Associação Humanitária e à realização de fundos para o instrumental da Fanfara. Por isso, dai-me a atenção que eu merecer. Dela depende o êxito ou o fracasso da minha existência.

MUITO OBRIGADO

A HONRA DE SER BOMBEIRO

O simples e formal acto que constitui o alistamento de um indivíduo no Corpo activo de uma instituição de Salvação Pública, como o são de facto as Corporações de Bombeiros Voluntários, representa—só por si— a iniludível revelação de um carácter que honra a sociedade em que vive e com quem ela pode contar.

Vem depois o período escolar da recruta, onde o novo aspirante recebe, a par da instrução prática uma preparação psicológica de consciencialização heróica e humanitária, solenemente ratificada no Juramento de Bandeira

O corolário magnífico dessa nova vida devotada ao desinteressado auxílio do seu semelhante, observamo-lo no seu despreendimento total de tudo quanto o rodeia ao ouvir o primeiro alarme da sirene. Generosa é esta luta pelo bem sem olhar a quem. Sublime é a atitude do Bombeiro ao entrar em casa do seu inimigo ou adversário de ontem, salvando-lhe hoje os haveres ou até a própria vida. Não há no mundo orgulho mais digno que o gerado pela certeza do cumprimento com coragem e abnegação dos deveres para com a Pátria e a Humanidade.

É esse orgulho que eu compreendo, admiro e aplaudo ao ver passar marcialmente na rua, emprestando a sua dignidade à própria farda que envergam, e respeitando o valor das suas medalhas, os generosos e honrados Soldados da Paz.

F. P.

Visado pela Comissão de Censura

Tudo quanto de belo se tem vindo a realizar, deve-se a um punhado de boas vontades que sem qualquer quebra de ânimo ou desfalecimento, trabalham para o engrandecimento da nossa Corporação. Sem pertencerem à direcção, comando ou qualquer comissão por estes nomeada, são espontâneos nos seus actos o

do nosso jornal, duas dessas vontades.

Dr. Henrique Vaz Lacerda a quem muita gente já se habituou a chamar o bombeiro n.º 1 de Figueiró dos Vinhos, deve a nossa Corporação os altos momentos por que tem passado. Dotado de um sentido



O Presidente da Direcção faz a deposição do galardão da Liga dos Bombeiros Portugueses ao Sr. Dr. Henrique Lacerda.



que muito nos desvanece. Vivem com amor e com fé as boas e as más horas desta casa, tentando com o seu dinamismo minorar qualquer falha que vá aparecendo. São Bombeiros da última fila, mas que respondem presente ao primeiro sinal. Sem tentar menosprezar todos os outros, lembremo-nos de trazer às colunas

GRATIDÃO

A Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários ao promover a publicação do seu Boletim cometeria uma injustiça se neste não apresentasse o seu sincero agradecimento a algumas altas individualidades que aos Bombeiros da sua zona e à nobre causa se têm dedicado de alma e coração.

Sem desejar contrariar a sua aversão pela lisonja, queremos agradecer aqui em primeiro lugar ao Sr. Coronel Rogério de Campos Cansado, ilustre inspector de incêndios da zona sul, tudo o que tem feito pelos Bombeiros de Portugal.

Também o nosso reconhecimento não pode esquecer mas vivamente agradecer ao Sr. Mourra e Silva, digno presidente da Liga dos Bombeiros Portugueses a sua admirável e meritória acção em prol dos Soldados da Paz.

Por último e sem que tal represente menos consideração a nossa saudação amiga ao Sr. Chefe-Ajudante do Batalhão de Sapadores Bombeiro Mário de Almeida, dignificante exemplo a seguir por todos aqueles que à causa se dedicam.

A todos o nosso muito obrigado.

A todos o grato reconhecimento dos Bombeiros de Figueiró.

Humanitário e de uma fé inquebrantável, é alheio a esmorecimentos, por isso, a sua palavra amiga encoraja a grandes cometimentos. O nosso Corpo de Bombeiros a quem sua Ex.^a dedica grande afeição e estima, está altamente reconhecido por tudo quanto tem feito em prol do engrandecimento da nossa Associação Humanitária. O Sr. Dr. Henrique Vaz Lacerda, ostenta o mais justo galardão da Liga dos Bombeiros Portugueses: «Medalha de Ouro de 2 estrelas» pelos relevantes serviços prestados à causa que defendemos: A CAUSA DA HUMANIDADE!

João Portela Bruno, Figueiroense amante da sua terra, sente bater no peito os anseios da nossa Corporação. Apesar de viver longe do seu Torrão, tem-no sempre presente a cada momento que passa. Dedicado servidor de uma causa justa, é

Os Bombeiros Voluntários de Figueiró dos Vinhos

vão possuir um Auto-Nevoeiro

Trabalha-se afanosamente para que a nossa Corporação seja dotada o mais brevemente possível, de uma moderna viatura com bomba de alta e baixa pressão, cuja falta muito se faz sentir. Para este grande empreendimento que marcará o início de uma nova etapa na vida da nossa Associação Humanitária, precisamos da ajuda de todos os Figueiroenses. A Corporação precisa de um apetrechamento á altura dos seus pergaminhos. Negá-lo, seria destruir o que de mais belo possuímos!

OS BOMBEIROS VOLUNTÁRIOS

uma vontade firme ao serviço da nossa Associação Humanitária. As diligências que tem feito, quer junto das entidades oficiais ou particulares, estão bem patentes no material que tem conseguido para a nossa Corporação. Homem íntegro que não desfalece no primeiro momento, tem uma preocupação constante para que nada possa faltar no bom desempenho da missão que nos confiaram.

No seu gabinete de trabalho, estão bem patentes todos os esforços a que se tem submetido em prol da Causa Humanitária. A nossa Corporação, sente orgu-



João Portela Bruno

lho por ter nas suas fileiras um voluntário tão dedicado como é o Sr. Portela Bruno. Os Bombeiros Voluntários de Campo de Ourique, já lhe prestaram a devida justiça concedendo-lhe a Medalha de Ouro de 2 estrelas, alto galardão da Liga dos Bombeiros Portugueses a premiar o interesse que tem demonstrado por aquela prestimosa Corporação. O nosso agradecimento não virá longe e, nesse dia, sentir-nos-emos felizes ao dizermos publicamente... Muito obrigado Sr. Portela Bruno, há muito que lhe eramos devedores deste agradecimento mas, tudo tem a sua hora e essa hora, chegou finalmente!

SENHORI... ESCUTAI-ME...

Bombeiro Voluntário pensei em ser, P'ra vestir aquela farda de valia. Cumprir abnegadamente o meu dever, Com coragem, amor e galhardia.

Para isso, imploro aos Ceus este meu querer Na esperança do meu eco ser ouvido. Para, que no cumprimento do dever, Eu seja um bombeiro destemido!

Escutai um só momento o Vosso filho, Ovi o que a Vossos pés eu suplico: Alentai-me, pois nada posso e nada valho!

Ajudai-me a defender com brilho, A Causa a que tanto me dedico, Com exemplos de coragem e de trabalho.

VOLUNTÁRIO

ESTA PALAVRA SAUDADE...

A TODOS OS BOMBEIROS QUE SE BATEM
PELA INTEGRIDADE DA PÁTRIA

Estimado Camarada! MINHA MÃE

Mais um Natal passou sem poder contar com a tua presença amiga Mas, se Deus quizer, o tempo depressa passará. Se em tua casa os teus pais se lembram de ti a cada instante, aqui, na nossa Corporação, também és muito recordado. Sabemos que és um valoroso SOLDADO de PORTUGAL que de arma aperrada velas dia e noite por esses povos indefesos. Sentimos a dor pela tua valentia e audácia, por isso rogamos a Deus que te ajude nessa missão árdua e espinhosa. São os votos de todos nós.

MEU FILHO!...

Hoje é dia de Natal!...
E quanto pesar é meu
Por estares longe do lar
Mas não faz mal
Porque Deus também sofreu
E morreu p'ra nos salvar.

És destemido e audaz...
E é tal a realza
Dessa tua valentia,

Que, sabendo do que és capaz,
Ja deitei fora a tristeza,
Troquei-a pela alegria!

E aos pés de Virgem Maria
Vou rogando aos Céus por ti.
A cada hora que passa,
P'ra que com valentia
Tu sejas, como até aqui,
Exemplo da Lusa Raça

Essa farda sem igual,
Já a vestiu um Mousinho
E tantos de igual valor
Que a defender Portugal
Ficaram pelo caminho,
Lutando com destemor!

Quando no Tejo embarquei
E entrei no mar inenso,
Muito ao longe, ainda avistei
A mãe acenando o lenço.
Sei quanto era o seu sofrer
Pe'la nossa separação!
Mas primeiro está o dever
De defender a Nação.

Quando aqui desembarquei,
Vinha alegre e bem disposto.
Um novo mundo encontrei
E já me encontro no meu posto.
Até chorei de alegria,
Por fraqueza? Isso não!
Era helo tudo o que via
O meu pobre coração.
Bem me dizia o professor
Que neste País sem igual,
Desde o Minho até Timor
Tudo era Portugal!
Lindas e boas Avenidas
Com prédios bem alinhados,
Ruas belas e compridas
Com parques ajardinados

Lembravam-me o jardim parque
Tão bonito e sedutor,
Onde na vespera do embarque
Disse Adeus ao meu amor.
Se recordar é viver,
Para que serve chorar?
Não pense que hei-de morrer
Espero um dia voltar

Diga aí no Comando
Dos Bombeiros a que pertenci
Que sempre me estou lembrando
Das horas que lá vivi
E a Santinha que me ofereceram
Quando eu p'ra tropa vim,
«Pois nem disse se esqueceram»
Trago-a sempre junto a mim.
E a ela vou rezando
Em cada dia que passa,
Com fervor lhe vou pedindo
Que me conceda uma graça!
A graça de ser valente
Nesta parcela tão querida,
Por isso em cada instante
À Pátria dedico a vida...
Dos fracos, não reza a História
Sempre eu onvi dizer.
Se morrer? É de glória
P'ra Portugal defender!

ROQUE BEIRÃO

ZÉ PATRIOTA

História dos Bombeiros

Impar, eleita vedeta das Telas de Malhoa, nunca faltaram os arautos das causas generosas, prontos a engrandecê-la no campo humanitário tão afecto aos Bombeiros Voluntários.

Quando em 1932 regressamos a esta vila, depois de seis anos vividos na Capital com muitas horas de incontidas saudades da magia desta Terra e do bucolismo das suas aldeias, a perspectiva da nossa instituição de salvação pública, era desoladora.

A Corporação dispunha de uma bomba manual que funcionava (?) com a acção de dois ou quatro homens e era transportada sobre duas rodas de tracção humana.

Não se podia chamar fardas aos andrjos usados pelos elementos do Corpo Activo.

Aquela genial e maravilhosa ideia do Sr. António de Azevedo Lopes Serra, secundada pelo Sr. José Manuel Godinho de dotar Figueiró dos Vinhos com uma Corporação de Soldados da Paz estava condenada inexoravelmente ao fracasso.

Mas o Sr. Serra da Farmácia, de saudosa memória não era pessoa para arrear bandeira ao primeiro revez, e por isso mesmo não desistiu das suas beneméritas intenções.

A semente lançada à terra tinha que germinar porque a ideia era bela e se não floriu logo em toda a sua plenitude é porque algumas ervas daninhas conseguiram travar o crescimento da humanitária ceira.

O campo da cultura sublime, era a antiga Associação Comercial. Ali se reuniam os homens que organizaram a primeira comissão elaboradora dos Estatutos à qual presidiu o Sr. José Manuel Godinho, respeitável e probro comerciante nesta vila, falecido há alguns anos.

Em 1935 renasce das cinzas — que não eram de incêndio, mas de conformismo de muitos — a voluntariedade de algumas boas vontades, entre as quais se contam quase todos aqueles que seriam em 1936 os fundadores que em número de vinte e um com a quotização de 79\$00, aos

A VELHA NAU

"Sobre a nudez forte da verdade
o manto diáfano da fantasia,"
EÇA DE QUEIRÓS

Já a conhecia de há muitos anos, guardava uma traça engraçada moldada por uma marinagem leal e forte que nela tinham servido em tempos de antanho. Era um barco considerado antigo, pois ao que dizem, datava a sua construção de 1930. Trinta e oito anos balanceando na crista das ondas sempre ao serviço do bem, mais bonito seria que lhe chamassem «Salva vidas». Mas tal não aconteceu pois dados os seus traços naturais e segundo a

quais se juntaram 83 subscritores prefazendo a receita total mensal de 241\$50, importância apreciável num tempo em que o bacalhau custava 4\$00 o quilo

Em 30 de Abril de 1936 procedeu-se em Assembleia Geral daquela comissão organizadora à eleição dos primeiros corpos gerentes da Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Figueiró dos Vinhos.

Por proposta do Sr. Eduardo Luís Nunes, que foi grande proprietário e comerciante nesta vila ficou nesse dia eleita por aclamação a lista apresentada, que era a seguinte:

Assembleia Geral:
Presidente, António de Azevedo Lopes Serra; Vice-Presidente, José Manuel Godinho; Secretário, Juvenal Augusto Mendes, este felizmente ainda no número dos vivos e conceituado comerciante em Figueiró.

Direcção:
Presidente, Dr. Joaquim José Fernandes; Vice-Presidente, Tenente Carlos Rodrigues Manata; Secretário, Urbano Henriques; Tesoureiro, Joaquim de Matos Pinto; Comandante, Dr. Alfredo André Ferreira de Carvalho.

Desta primeira Direcção, dos três primeiros apenas resta a nossa respeitosa saude.

Conselho Fiscal:
Relator, Armando Sérgio de Carvalho Encarnação.

Vogais, Francisco Rodrigues Pinhão e Jerónimo Rodrigues Pinhão.

Deste Conselho Fiscal apenas a corporação de hoje pode ainda contar na sua Assembleia Geral com a presença honrosa do Sr. Francisco Rodrigues Ferreira porque os restantes já desapareceram infelizmente do número dos vivos.

Por proposta do Comandante Dr. Carvalho ali presente, foi elaborada uma lista dos Sócios fundadores a seu pedido, encabeçada pelo nome de António de Azevedo Lopes Sena «por ser este senhor o decano dos fundadores e a primeira pessoa que em Figueiró dos Vinhos pensou e tornou possível a iniciativa da fundação da Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Figueiró dos Vinhos».

Ficaram portanto sócios fundadores desta associação, os Srs. António de Azevedo Lopes Serra, José Manuel Godinho, Francisco Rodrigues Ferreira, Joaquim de Matos Pinto, António Ferreira, Manuel Ferreira, Joaquim Estêvão Rodrigues, António Alves Tomaz Agria, José Pedro dos Santos, José Lopes, Benjamim Augusto Mendes, Jerónimo Dias de Paiva, João Godinho Rocha,

A PÁGINA 3

reunia toda a companhia para novas sessões de trabalho. A doca passou a ter mais colorido e mais esplendor e cada vez que a marinagem aparecia com o seu garboso uniforme, as pessoas assomavam às janelas para diliciar a vista com tal beleza. Muitas delas vinham até à doca para apreciarem mais de perto aquele movimento desusado, feito com rítmica alegre e constante, por gente ávida e desempoeirada.

Os dias passavam-se num rodopiar constante e belo, enquanto o homem do leme olhava o mar com as grandezas e os seus perigos. Cheio de esperança e de optimismo, traçava a rota que era seguida com todo o rigor. A Nau passou a sofrer algumas reparações e embelezamentos e, num dos seus costados foi escrito o lema da marinagem «VIDA POR VIDA». No entanto, nem tudo eram rosas de delicioso perfume. Havia também muitos espinhos que teimavam em picar, mas, superior a essas coisas, havia um homem que a tempestade não foi capaz de vencer. A sãna ardilosa perante tal feitico, baixou os braços dando-se como vencida. Alguns belos lobos do mar que de longe apreciavam o impto das vagas que se entrechocavam de forma aflitiva e e traiçoeira, correrem à praia na esperança de ajudarem naquela situação aflitiva. Outros deixaram-se cobrir pela ramagem das árvores que ladeavam os caminhos, aparecendo depois do temporal passado. Os primeiros viveram os momentos de perigos e de incertezas. Os outros viveram as horas fartas de alegrias. Uns e outros sabiam que ao lema havia um homem que sabendo alguma coisa da arte de marear, tinha acima de tudo, força e vontade de safar a Nau à fúria do vendaval. E depois da grande tempestade, o sol voltou a brilhar no Oriente e como presente do Natal desse Ano Santo de 67, a Nau estava mais bela e mais formosa. Tinha aspecto de vigor e continuidade, e toda a gente da terra passou a interessar-se pela sua existência. Notava-se na expressão do seu olhar que saíam satisfeitos ao notarem que ali se vivia num ambiente belo, acolhedor e que em jeito de irmandade se dividiam pela marinagem o bem e o mal, as boas e as más horas. Eram felizes aqueles que por força do destino passaram a escada do portaló e ao entrarem no convés, deparavam sempre com uma palavra amiga e um sorriso para cada um, seguindo-se como erdem cronológica foram aparecendo mais marinheiros dispostos a servir com rigor e galhardia as ordens do comandante. Após algum tempo e por desígnios da Providência, a Nau contava com 43 marinheiros experimentados.

Gente laboriosa e destemida que sente bater no peito o coração do seu semelhante, sai à barra a qualquer hora do dia ou da noite, haja vaga alta ou mar chão, sempre prontos a socorrer qualquer embarcação em perigo. O seu lema continua inolúme no costado da Nau tão agarrado como agarrados andam os marinheiros que a servem e quando pela calada da noite se ouvem os toques incensantes da sirene, embarcam com todo o destemor porque ao leme, segue atento e vigilante o homem a quem a grande tempestade foi impotente para vencer.

XICO MARUJO

Dedicação A NOSSA FESTA História dos Bombeiros

APRESENTAÇÃO DA ESCOLA DE ASPIRANTES,
EM 26 DE MAIO DE 1968

colegas de arte,

Nada, porém, o demovia do propósito firme de acudir ao primeiro silvo da *viuva*, quantas vezes prenunciador de desgraça para algum seareiro encalacrado, que não raro se pendurava no galho da árvore mais próxima ou na trave do telhado, após ver consumida pelo fogo a almeara, meta ambicionada pelos sonhos dum ano inteiro, salvatério único de tanto calote acumulado e de tanto esforço regado a suor e sangue!

Arrastado com os perigos inerentes à *profissão*, viu-se um dia estendido numa cama do hospital. Ardera um barraco para os lados de Alegrete, onde por caridade se acolhiam os malteses andárilhos, e, fôra justamente um deles que, adormecendo toldado pelos vapores da pinga com um *mata ratos* ao canto da boca, pegara fogo à cama de palha, tendo ele próprio ardido como acha de azinho. Tentando salvar o desgraçado, embrenhara-se resolutamente no braseiro mas caíra-lhe em cima o travejamento do tuguírio, provocando-lhe fractura duma perna e dum braço.

Logo vieram os dias sombrios, pois a forçada inactividade obrigou-o a fechar a loja, uma vez que as costureiras, com o patrão fora, em nada mais pensavam senão no próximo bailarico ou nalgum estudante que rondasse a alfaiataria fazendo-lhes pé-de-alferes.

Três meses passados regressou a casa, e para não ter de cerrar os taipais em definitivo atirou-se ao trabalho como nunca o fizera. Perdia noites sobre noites agarrado à tesoura e à agulha, jogando mão de tudo o que aparecesse, e tal obstinação levou-o a recuperar o perdido. Equilibrou assim, a vida, e continuou a acudir ao mal alheio.

—Ena pai, lá vai o mestre Amaral na brasa a caminho do quartel...

—Até parece que lhe puseram uma perna nova. Cada vez corre mais!

—Nem sei como ele aguenta com aquele físico de barril...

—Até parece que não o conheces, homem Aquilo nasceu com ele e ha-de acabar assim. E' sina...

—Nunca vi como aquilo! Valente e dedicado como ninguém. Merecia bem uma estátua!... E merecia!

O acidente que sofrera não lhe toldava o ânimo nem a vontade de servir, dando o melhor de si próprio, sem quebra de esmoecimento em apelo das aflições alheias. Tudo, afinal, sacrificava; o lar, o mister, a família, em prol duma causa que, como alguns lhe afirmavam, jamais retribuirá a milésima parte do muito que lhes entregara.

—Isso acontece a todos os que cá andam. Que diabo, alguém tem que se encarregar das coisas. E eu já vi tanta desgraça por aí, que logo fico em picos quando oiço aquela malvada apitar... Temos que ser uns para os outros. Somos gente ou somos bichos?...

—E' certo, porém, que o corpo de bombeiros municipais que o levou merecidamente a atingir o posto de segundo comandante, e o imperioso e esfalfante arregaçar de mangas após a saída do hospital, fizeram mozza no coração de mestre Amaral, de há muito sobrecarregado com trabalho e adiposidade excessivos.

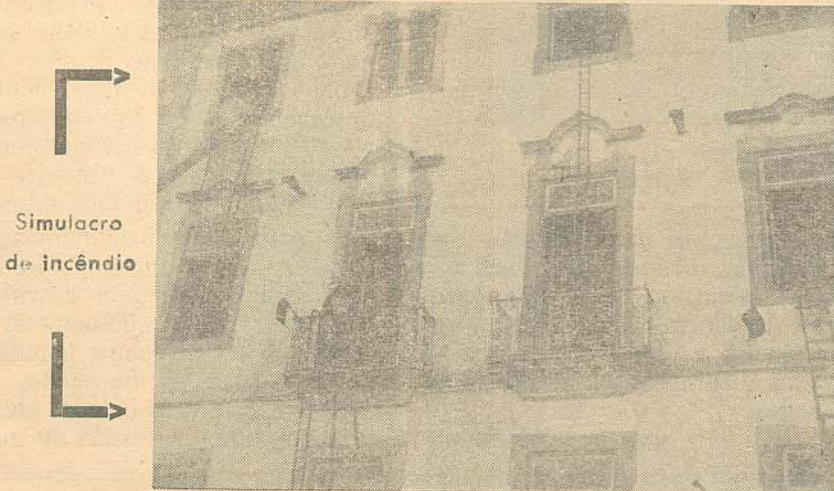
Muitos terão já notado que a Corporação dos Bombeiros Voluntários de Figueiró dos Vinhos vem, há algum tempo a esta parte, sofrendo uma transformação, transformação essa em que se pretende «trabalhar mais para servir melhor».

Foi com esta ideia no espírito que empreendeu a formação duma Escola de Aspirantes, a fim de aumentar o Corpo Activo, que, nessa altura, se encontrava bastante reduzido. Assim, sob a esclarecida orientação do nosso muito querido Amigo e Comandante Sr

so presidente da Direcção, Sr. José Cuerreiro Machado.

Logo após, dirigimo-nos à Igreja Matriz, onde foi celebrada Missa, dada a impossibilidade de a mesma se celebrar na Avenida Padre Diogo de Vasconcelos, devido à copiosa chuva que caía.

Pelas doze horas, o Corpo Activo e as Viaturas da nossa Corporação desfilaram pelas ruas de Figueiró, sob os aplausos de numeroso público que acorreu, demonstrando assim o seu apreço pelos Soldados da Paz da sua



Simulacro de incêndio

Júlio Marques da Silva, essa Escola tornou-se uma realidade, demonstrando a sua capacidade técnica a quando da realização do simulacro de incêndio no edificio dos Paços do Concelho, integrado na Festa da Apresentação dessa mesma Escola.

Os aspirantes tiveram, nesse dia, o dia maior da sua vida de Bombeiros, ao serem-lhes entregues pelas respectivas Madrinhas, os Machados, distintivo que representa o seu trabalho e sacrificio em prol da Humanidade, à qual tudo oferecem e de quem nada esperam.

Outros momentos que, nesse dia, se revestiram de grande simbolismo, foram aqueles em que o nosso 2.º Comandante Sr. Manuel Simões Telhada, denodado companheiro nas mais árduas tarefas, procedeu à entrega de condecorações ao Sr. Presidente da Câmara, muito ilustre director da nossa corporação, ao Sr. João Bruno Portela, a quem muito devemos, e aos Bombeiros com mais de 5 anos de serviço activo. Seguiu-se a distribuição de boinas aos elementos da nossa Fanfara, pela gentil filhinha do nos-

so presidente da Direcção, Sr. José Cuerreiro Machado.

Logo após, dirigimo-nos à Igreja Matriz, onde foi celebrada Missa, dada a impossibilidade de a mesma se celebrar na Avenida Padre Diogo de Vasconcelos, devido à copiosa chuva que caía.

Pelas doze horas, o Corpo Activo e as Viaturas da nossa Corporação desfilaram pelas ruas de Figueiró, sob os aplausos de numeroso público que acorreu, demonstrando assim o seu apreço pelos Soldados da Paz da sua

so presidente da Direcção, Sr. José Cuerreiro Machado. Logo após, dirigimo-nos à Igreja Matriz, onde foi celebrada Missa, dada a impossibilidade de a mesma se celebrar na Avenida Padre Diogo de Vasconcelos, devido à copiosa chuva que caía. Pelas doze horas, o Corpo Activo e as Viaturas da nossa Corporação desfilaram pelas ruas de Figueiró, sob os aplausos de numeroso público que acorreu, demonstrando assim o seu apreço pelos Soldados da Paz da sua

Terra.

Depois do cartaz desportivo do dia, que constou da Prova de Perícia Automóvel «Sintra do Norte», promovida pela Comissão Municipal de Turismo com a colaboração técnica da Secção de Motorismo da Associação Académica de Coimbra, realizou-se o simulacro de incêndio no edificio dos Paços do Concelho, que constituiu o momento mais alto da nossa Festa.

Como epílogo dos festejos, teve lugar no Quartel Sede um Baile de confraternização, que decorreu na melhor harmonia até à madrugada do dia seguinte

NAPOLEÃO

As Festas da Feira e os Bombeiros

Ainda está bem patente no pensamento de todos, o grande e espectacular êxito de que foram revestidas as festas da Feira de S. Paantaleão, cujo produto líquido reverteu a favor da nossa prestimosa Corporação dos Bombeiros Voluntários.

Estruturadas este ano, num plano totalmente diferente, plano esse, que se não fosse certo clima anteriormente adoptado, já há muito a esta parte, a grandiosidade agora adquirida, podia prevalescer, ficou-se porém com uma absoluta panorâmica de conhecimentos gerais, onde tudo se pode fazer, cada vez melhor e mais ainda, e onde e mais uma vez, a população do concelho de Figueiró dos Vinhos, se mostrou e revelou em toda a profundidade com os excelsos êdotes de que todos são possuidores. Dotes belos de amor pela sua terra e pelos seus bombeiros. Numa única palavra, dotes de amor, bairrismo e humanidade.

Rondaram os setenta contos a receita líquida dos três espectáculos, mas e aqui devemos acrescentar, não foi só em êxito financeiro, mas igu-

amente em classe de espectáculos aqueles a que assistimos. Tiveram alto nível, totalmente diferente dos anteriormente apresentados, e onde se prova mais uma vez que Figueiró dos Vinhos, está à altura de poder apreciar os espectáculos mais grandiosos que se possam apresentar em Portugal.

Sem dúvida alguma que a Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Figueiró dos Vinhos é a «menina bonita» dos seus conterrâneos, ninguém lhe regateia auxílio e ninguém também desconhece o alto significado da magnânima obra até hoje já realizada. Compõe o seu corpo activo, com um bom número de figueiroenses extraordinários em todo o campo de acção, sempre prontos e a qualquer hora, a acorrerem ao auxílio de vidas e bens, não regateando esforços e muitos até ao próprio sacrificio, para merecerem dos seus conterrâneos a honra que lhes é devida. Enumerar aqui exemplos, seria como que a profanar tal obra, mas nunca e por forma alguma nos podemos esquecer que quando se fala nos Bom-

beiros, podemos ficar alheios sem pronunciar-mos umas palavras embora modestas, de honra e louvor para com os seus elementos. É essa palavra que em determinada altura a ouvimos dum Grande Figueiroense resume-se neste tão grande e alto significado OBRIGADO RAPAZES.

Trabalha-se afanosamente para que a nossa Corporação de Bombeiros seja em breve dotada com um moderno e útil auto nevoeiro, que virá em parte preencher uma grande lacuna no material indispensável para o bom desempenho da missão a que aos bombeiros foi destinada. Não dispõe presentemente a nossa Corporação de outras verbas que não sejam apenas setenta contos adquiridos com as festas. Todavia, se bem que o Estado através do respectivo Departamento participe substancialmente com uma grande ajuda, o certo é que tudo reunido se torna insuficiente, pois que tal aquisição ronda os quatrocentos contos. Mas e estamos certos com a ajuda de todos a dotação dum auto nevoeiro há-de ser uma realidade. Esta viatura é indispensável sobretudo em incêndios de grande monta, como fábricas, habitações, etc. e por conseguinte se hoje se dispense uma avultada verba na sua aquisição, é um bom empate de capital, porque primeiro compra-se totalmente novo, segundo é do mais moderno que a técnica de material de combate a incêndios pode apresentar e terceiro, compra-se duma só vez, que em gerações vindouras ainda será útil.

Quando chegar o dia em que a população de Figueiró dos Vinhos for apresentado o seu auto nevoeiro, todos se sentirão orgulhosos e com a consciência tranquila dum dever cumprido, porque AJUDAR OS BOMBEIROS É AJUDAR-NOS A NÓS PRÓPRIOS.

V. CAMOEZAS

General extraordinária com a seguinte ordem de trabalhos: pedido de demissão do Comandante Dr. Carvalho, eleito havia dois meses. Não sendo possível demover aquele Senhor da sua inabalável resolução, foi a sua demissão aprovada por unanimidade, embora sentindo o seu afastamento.

Este é um período difícil dos Bombeiros de Figueiró. Arrastados para um campo ingrato que não desejavam mas do qual são incapazes de se livrarem, dividem-se em municipais e voluntários, alguns deles sem compreenderem que estavam a servir de juguete a interesses inconfessados.

No dia 4 de Dezembro ainda no ano de 1936, reunem-se em grande número os sócios dos Voluntários numa Assembleia Extraordinária no antigo Cine Teatro Figueiroense que por ironia do destino ardeu totalmente por falta de uma corporação em condições de o salvar.

Continua no próximo Boletim, se o leitor ajudar...

beiros, podemos ficar alheios sem pronunciar-mos umas palavras embora modestas, de honra e louvor para com os seus elementos. É essa palavra que em determinada altura a ouvimos dum Grande Figueiroense resume-se neste tão grande e alto significado OBRIGADO RAPAZES.

Trabalha-se afanosamente para que a nossa Corporação de Bombeiros seja em breve dotada com um moderno e útil auto nevoeiro, que virá em parte preencher uma grande lacuna no material indispensável para o bom desempenho da missão a que aos bombeiros foi destinada. Não dispõe presentemente a nossa Corporação de outras verbas que não sejam apenas setenta contos adquiridos com as festas. Todavia, se bem que o Estado através do respectivo Departamento participe substancialmente com uma grande ajuda, o certo é que tudo reunido se torna insuficiente, pois que tal aquisição ronda os quatrocentos contos. Mas e estamos certos com a ajuda de todos a dotação dum auto nevoeiro há-de ser uma realidade. Esta viatura é indispensável sobretudo em incêndios de grande monta, como fábricas, habitações, etc. e por conseguinte se hoje se dispense uma avultada verba na sua aquisição, é um bom empate de capital, porque primeiro compra-se totalmente novo, segundo é do mais moderno que a técnica de material de combate a incêndios pode apresentar e terceiro, compra-se duma só vez, que em gerações vindouras ainda será útil.

Quando chegar o dia em que a população de Figueiró dos Vinhos for apresentado o seu auto nevoeiro, todos se sentirão orgulhosos e com a consciência tranquila dum dever cumprido, porque AJUDAR OS BOMBEIROS É AJUDAR-NOS A NÓS PRÓPRIOS.

V. CAMOEZAS

A presença dos nossos

Realizou-se mais um Congresso dos Bombeiros Portugueses, quando da comemoração do I Centenário da Associação dos Bombeiros Voluntários de Lisboa, a gloriosa «velhinha» como é conhecida, com respeito e ternura; a prestimosa e centenária agremiação que em 1868 lançou a primeira pedra de uma bela construção benemérita ao serviço da Humanidade, graças ao idealismo de Guilherme Cossoul, o artista-humanitário, que um dia, quando no seu ponto habitual de reunião—A Farmácia dos irmãos Azevedos, no Rossio—teve a sublime ideia de organizar uma companhia de Voluntários dedicada ao «Bem servir», com dedicação, entusiasmo e espírito de sacrifício, uma causa justa e humana.

Os seus obreiros ficaram como exemplo dos gloriosos bombeiros portugueses que têm sabido manter o sagrado fecho de um ideal humanitário que simboliza amor pelo próximo, heroísmo e abnegação.

Os «soldados da paz» ficarão sempre na História da Civilização como os únicos dignos de vivê-la.

Como paladina do mesmo

Bombeiros em Lisboa

do-se os Lisbonenses, Campo de Ourique, Ajuda, Cruz de Malta e Beato e Olivais.

O apurmo dos nossos homens

com votos de um feliz regresso a Figueiró.

Para mim, como delegado dos nossos Bombeiros ao Congresso



A nossa Fanfarra seguida pelo Corpo Activo de passagem no Rossio

que compunham a nossa representação, foi digno de admiração da assistência, que, ao longo da Avenida da Liberdade, desde a Rua Barata Salgueiro até ao Terreiro do Paço, não se cansou de os ovacionar.

Nacional, foi uma jornada inesquecível, do mais puro sentimento humanitário, de Fé no progresso da Corporação e do nosso Figueiró a que me dedico de alma e coração nas minhas horas vagas.

JOÃO PORTELA BRUNO

Dedicação

Qual esculca medievo atendo às arremetidas do lado de lá da raia, a sereia dos bombeiros encontra-se montada no alto dum torreão meio arruinado, remanescente do altaneiro castelo outrora activo e funcional, e, cuja gloriosa vetustez, nem sequer se pode adivinhar pelo montão informe de pedregulhos e caboucos esvaziados por mor dos pelouros castelhanos e da acção corrosiva do tempo.

Dominando toda a cidade com um estridor característico, não há fiel farrapo que ao ouvir o seu rebato não embique em concorrer romaria até à beira do quartel dos bombeiros, instalado à ilharga da Sé, dominado pela mórbida curiosidade de não só saber onde é o fogo, como também assistir a todo o apuramento em homens e viaturas que precede sempre a rotineira e apressada saída em tais alturas.

Lá estão, invariavelmente aglomerados, desde o ganapo franziño e ranhoso, de pata descalça, que interrompeu súbitamente a partida de bola trapeira disputada na Tapada de D. Fernando, no extremo oposto da cidade, até ao trôpego velhote, pesado de anos

e de pernas, reformado por conta própria, há pouco ainda refastelado pelos bancos da Corredoura espreitando o sol vivificador.

Aventa-se logo toda a casta de hipóteses sobre o local do incên-

Por RENATO PAIVA

dio. Como a sirene tocou com intermitências, o sinistro era fora de portas

—E' no Reguengo!...

—E' nos Fortios!...

— Não é nada E' na eira do Elias!...

Regra geral ninguém acertava, e, só os intrépidos e, denodados rapazes do capacete e machado conheciam o rumo certo a seguir. Operários da fábrica corticeira, enfarruscados e meio rebentados pela dureza da labuta quotidiana ou caixeiros vivaços de copa talhada pelo último figurino, alistados por um ideal nobre e desapegado de interesses, às vezes transmitido de geração em geração, caramba, quanta dedicação corre nas veias daquela gente, impar no auxílio ao semelhante e à sua fazenda!

Dentre todos, porém, destacava-se pelo seu inextinguível brio e inigualável prontidão em acorrer à chamada, mestre Amaral, o alfaiate da rua da Amoreira.

De figura quase gótica, baixo e anafado, feições um tanto grosseiras tismadas pela culema alentejana, arfando a cada passo, ninguém o excedia na carreira Pasmava ver aquela forma roliça vencendo a calçada em passo certo e veloz de galgo lebreiro. Onde iria ele aversar tal somatório de energias, para mais rondando já os cinquenta? Homem ou o demo por ele, engolia num fósforo o quase quilómetro entre a tojeira humilde e manhosa e o largo da Sé, deixando para trás outros camaradas com fumaças de atletas, impelidos, alguns, por uma juventude ainda candente!...

Só quem visse ou soubesse poderia crer na sua quase lendária abnegação!

Contudo, os vagares não eram muitos, uma vez que a vida de mestre Amaral não vogava em nenhum mar de rosas. Com três filhas por casar, e duas delas a estudar, só ao ofício se atinha para angariar o sustento da sua malta, como ele próprio dizia. A freguesia, na grande maioria constituída por marroquinos, gente dos arredores de poucas ou nenhuma exigências no tocante à fatiota, dadas até as condições de crise em que regra geral navegam, só em épocas festivas, e, nomeadamente pela feira das Cebolas estreiam o infalível terno de fioco, supremo luxo permitido a um saquítel escassamente abonado. Afóra isso, só algum operário da rôlha ou trôlha, menos exigentes e endinheirados procuravam mestre Amaral, já que os preços eram inferiores aos dos restantes

À PÁGINA 3



Desfile da nossa Fanfarra no Terreiro do Paço

nobre ideal não podia a nossa Corporação deixar de estar presente na merecida homenagem prestada à sua mais antiga companheira de lutas pelo bem comum, presença essa que ficou registada no historial dos Bombeiros da nossa terra natal, que sempre primaram pela compostura e brilhantismo quando cumprem o seu dever com dignidade; quer aparecendo em público garbosamente, quer aparecendo oportunamente, com eficiência e coragem, se a desgraça aflige os outros homens.

Foi uma jornada inesquecível de puro sentimento humanitário, de fé e de esperança no progresso, das instituições que comungam no nosso mesmo anseio, a realização do 18.º Congresso Nacional dos Bombeiros Portugueses que ampliou o significado de uma finalidade de humana transcendência, ao reconhecer na Comemoração de um Centenário, o muito devido a gloriosos pioneiros a necessidade de continuar um exemplo e de remodelar a estrutura das Corporações, para que possam enfrentar o futuro cheio de novas exigências ao seu labor.

Teve a nossa Corporação a honra e o prazer de figurar, como tantas outras nossas congéneres, no desfile organizada na Capital, e de enquadrar a sua fanfarra nas corporações de voluntários da Capital, marchando e tocando impecavelmente à frente da corporação em festa, seguin-

Isto só demonstrou mais uma vez, o seu valor pessoal e a sua boa preparação graças à brilhante obra realizada pelo seu Ex.º Comandante Marques da Silva. Como final de um inesquecível dia dirigiu-se a nossa representação aos Bombeiros Voluntários de Campo de Ourique onde foram trocadas saudações de amizade e de agradecimento pelas facilidades postas à nossa disposição

À despedida como é tradição, ambas as corporações tocaram as suas sereias num adeus de sincera despedida e agradecimento e

CARTA ABERTA À DIRECÇÃO

Srs. Directores

Tem esta Corporação colhido os louros da vitória, pela sua actuação dentro e fora do Concelho quer seja no combate ao incêndio ou pela sua conduta que tem sido e prometemos que continuará a ser, irrepreensível.

Para construir os nossos êxitos muito tem contribuído a generosa, dedicada e proficiente actuação de V. Ex.ªs.

Aqui estamos para entregar nas vossas mãos a chave do êxito que nos têm emprestado e certamente nos continuarão a franquear como até aqui para honra e glória desta Associação.

COMANDO E CORPO ACTIVO

“UM SUCESSO NO CONGRESSO,”

Como bombeiro voluntário
Vou cumprindo o meu fadário
Ocupando lugares cimeiros.
E, como sou um doente
Fui alegre e radiante
Ao congresso dos Bombeiros.

E saí de Figueiró
Sentindo um grande «taró»
Às quatro da Madrugada.
Pois em corrida constante,
Eu tinha que estar presente
Naquela grande parada!

Mal cheguei ao Arieiro
Encontrei-me mais bombeiro,
Mais sensato, mais sagaz!
Que ouvia muito além
A voz de minha mãe:
«Não te percas meu rapaz»!...

Nunca me perdi no fogo
Que combato com denodo
Perdia-me agora assim!...
São conselhos maternais
Em todos os lares iguais
Disse de mim para mim!

Chegou a hora indicada
Com os bombeiros em parada
Iniciou-se o desfile.
Garbosamente marchando,
Bombeiros de todo o lado
«Ao que dizem, mais de mil»...

Já eu tinha destroçado,
Ali com o Tejo a meu lado
Olhando-me com ironia,
Que vejo surgir pela frente?
Marchando garbosamente,
Os bombeiros da Trafaria.

Quase que fiquei pasmado!...
E era tal o meu estado,
que fui tecendo o meu hino.
Eu estava mais que admirado
Com a alegria e garbo
Do seu corpo Feminino.

Com tanto jeito o ouvi,
Que sem querer até sorri,
Um sorriso de ternura...
Que o Dom José no pedestal,
Teria levado a mal
Resmungando lá da altura.

Mas fazendo ouvido louco
Lá estive pensando um pouco
Até elas destroçarem.
E levei-lhes o meu tambor,
Pedindo com todo o amor,
Para a pele autografarem.

Nesse lugar que tanto estimo,
Tenho, do Corpo Feminino,
Todos os nomes das pequenas,
Pois, só Marias são três,
Também tenho o da Misé
De vinte anos apenas.

O da Luísa e da Aurélio
Até o da Ana e o da Amália,
E o da Manuela Vieira;
Também está a um cantinho,
Na pele do tamborzinho
O da Isabel de Cliveira!

O da Dulce e da Mariana,
Pois até a própria Helena
A sorriu, lá foi escrevendo
Como sorriso de mulher
Não sou capaz de entender,
Os ombros fui encolhendo!

A Maria Helena Santos,
Essa nem se quer fez prantos!
Concedeu-me a autografia.
Também a Helena Pinto
Que tem um nome bonito
Escreveu com alegria.

Por isso ganhei amor
A pele do meu tambor,
De o afagar, não desisto!
Que o tambor meio moribundo,
Já foi perguntar ao bombo,
Mas afinal o que é isto?

Também o chefe da Fanfarra,
Mas diss com tão ma cara,
Que eu de certo não gostei:
«Você nunca mais deu nada
Por causa da autografada»!
Sabem lá como fiquei!...

Mas enfim, a vida é esta,
Ja fui mais a outra festa.
O que sofri nem eu sei!
Movimentava as baquetas,
Fiz mais de mil piruetas,
Mas na pel... não toquei!

«ZÉ DA FANFARRA»

História dos Bombeiros

Contada por Renandof Siper

A Corporação dos Bombeiros Voluntários de Figueiró dos Vinhos embora jovem por rejuvenescida, já tem a sua História e porque ela é gloriosa e digna, pode e deve ser contada.

Pode, porque não encerra em si factos que a deslustrem; deve, porque se torna necessário lembrar à mocidade dos anos sessenta, que nesta Terra de beleza

À PÁGINA 2